

## Artistas em *Calibán*

Galeria de artistas compilada por Gabriela Levy  
(Asociación Psicoanalítica del Uruguay)



*Retrato de Vincent*  
Óleo sobre tela, 100 x 75 cm  
Coleção particular, Buenos Aires, 1989

### Carlos Alonso

Nasceu em 1929 em Tunuyán, Mendoza, Argentina.  
Mora e trabalha em Unquillo, Córdoba, Argentina.

Carlos Alonso é pintor, desenhista e gravador. Seu início de carreira se localizou no realismo social militante, e mais tarde caminhou para o expressionismo e a liberdade de formas. Sua obra é testemunho poderoso – às vezes violento – das circunstâncias do ser humano; de seus conflitos e de sua complexidade. Sua prolífica produção inclui retratos, naturezas, paisagens, nus, todos evocando fortes mensagens. Nada é ascético em Carlos Alonso, tudo tem o acréscimo de sua memória (na verdade, é fruto dela), e é também mediado e premeditado por sua lógica crítica e comprometida. A partir do cotidiano e das coisas simples da vida projeta

uma linha reflexiva e comovedora. As contradições e paradoxos da Argentina são encontrados de forma intensa em seus trabalhos. As paixões habitam sua paleta: a tragédia, a dor consequente, o amor (às vezes trágico) e seu anverso, o ódio, perambulam pelo limite impreciso de suas telas e papéis. Em 1977, durante a ditadura militar, uma filha de Carlos Alonso foi sequestrada e desapareceu. O artista esquivou, de certa forma, a dor paralisante refugiando-se e denunciando essa tragédia pessoal e coletiva por meio de suas obras.

Alguns de seus trabalhos foram publicados na revista *Calibán* – Margens.

---

## Francis Alÿs

Nasceu em 1959 em Antuérpia, Bélgica.

Mora e trabalha na Cidade do México, México.



*Quando a fé move montanhas*

Em colaboração com Cuauhtémoc Medina e Rafael Ortega  
Documentação fotográfica de uma ação. 2012

Artista multidisciplinar, Francis Alÿs é conhecido principalmente por suas *performances*. Estudou arquitetura na Bélgica e na Itália. Em 1986 mudou-se para o México, onde começou a desenvolver seu trabalho como artista ao caminhar pelas ruas do centro da Cidade do México e documentar seu cotidiano através de *slides*, vídeos, postais e intervenções performáticas.

Ao abordar as políticas de desenvolvimento da América Latina, a obra de Alÿs pode ser entendida por meio de diferentes episódios de uma longa narrativa que, às vezes, toma dimensões épicas, como a icônica peça *Cuando la fe mueve montañas* (2002), na qual convocou 500 voluntários para formar uma fila para deslocar, com a ajuda de pás, uma duna de 500

metros de diâmetro situada na periferia de Lima. Porém, mais amiúde, suas intervenções têm uma escala modesta: como é o caso de *The green line* (Jerusalém, 2004), para a qual pingou uma linha de tinta verde ao caminhar por dois dias ao longo da linha de cessar fogo definida em 1948 entre Israel e Jordânia. Em sua aparente “inutilidade”, estes projetos apontam persistentemente para o potencial criativo, transgressor e político de ações simbólicas inusitadas que irrompem e fazem questionar a ordem pré-estabelecida.

Algumas obras do artista foram publicadas na revista *Calibán* – O que não se sabe. [www.francisalys.com](http://www.francisalys.com)



*Historias clínicas*  
Colonia Santa María, 2007

---

## Hugo Aveta

Nasceu em 1965 em Córdoba, Argentina.

Mora e trabalha em Córdoba, Argentina.

Hugo Aveta estudou cinema e arquitetura, mas depois dedicou-se completamente à fotografia. No entanto, sua relação com este meio foi se tornando mais complexa e se modificando para um olhar que supera a linguagem fotográfica *stricto sensu*. Os arquivos digitais, o som e o vídeo, assim como a construção de maquetes, propõem a fotografia como um passo intermediário entre o registro e a construção de uma obra. Os principais assuntos de interesse e investigação do artista são o tempo, a história e a memória. O olhar de Aveta, muitas vezes, detém-se em espaços ou lugares que estão morrendo.

Descobre ali um tempo passado, que é o que resgatam suas imagens. É o caso, por

exemplo, de seu trabalho *Historias clínicas*, no qual retrata o quarto de um dos pavilhões do hospital Colônia de Santa Maria (Córdoba). Impacta nessa imagem a profusão de velhos e amarelados papéis com registros de histórias clínicas que são vistos esparramados pelo chão de um cômodo do antigo hospital. São restos carregados de memória, espaços que ficaram às margens das mudanças e que devolvem, como postais do abandono, um sentimento de dor frente a isso que a memória tenta recuperar.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Tempo.

[www.hugoaveta.com](http://www.hugoaveta.com)

## Ernesto Ballesteros

Nasceu em 1963 em Buenos Aires, Argentina.

Mora e trabalha em Buenos Aires.

Viagem ao observatório de Córdoba  
Fotografia processada, 2007



O gosto pela arte se apresentou muito precocemente em Ernesto Ballesteros que, desde cedo em sua infância, manifestou facilidade e interesse pelo desenho. Em 1972, com 9 anos, começou a frequentar a oficina de desenho de Ernesto Murillo, que o ensinou a desenhar “de dentro para fora”. Posteriormente estudou na Escola Superior de Publicidade e na Escola de Belas Artes Prilidiano Pueyrredón. A natureza de seu trabalho o levou a se envolver em campos extra-artísticos como *comics*, astrofotografia e aeromodelismo de interior. Atual-

mente, suas produções se centram no terreno do desenho, da *performance*, da gravação e, recentemente, da coreografia.

Ballesteros participou de numerosas mostras coletivas e individuais na Argentina e em outros países. Destacou-se como convidado na Bienal de Lyon, França, em 2011, e como representante argentino na 56ª Bienal de Veneza, em 2015, com a *performance Indoor flights*.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Realidades & Ficções II*.  
[www.ernestoballesteros.com](http://www.ernestoballesteros.com)

Vinte e um veleiros  
Madeira, PVA, metal, plástico, tecido e linha.  
Coleção Museu Bispo do Rosário Arte  
Contemporânea / Prefeitura RJ



## Arthur Bispo do Rosário

1911, Japaratuba, Sergipe, Brasil – 1989, Rio de Janeiro, Brasil

Arthur Bispo do Rosário perambulou por uma delicada zona entre a realidade e o delírio, a vida e a arte. Foi marinheiro, boxeador, trabalhador doméstico e muitas outras coisas antes de se dedicar totalmente a sua “missão”, como chamava sua produção artística. Diagnosticado, em 1938, como esquizofrênico paranoide, criou a maior parte de sua obra durante os 50 anos que seguiram sua internação no hospital psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, perto do Rio de Janeiro. Ali, apesar dos costumes psiquiátricos da época ligados a eletrochoques, lobotomias e outros tratamentos violentos aplicados no controle de crises, Bispo do Rosário conseguiu realizar um caminho artístico de enorme

intensidade e liberdade que o levou a criar uma das obras mais impactantes da arte contemporânea brasileira. Em sua cosmovisão delirante, acreditava ter sido chamado por Deus para reproduzir o universo em miniatura, para inventariá-lo no que chamava suas “representações”. Para produzi-las usava os materiais que tinha à mão: resíduos, trastes velhos, restos de madeira, utensílios fora de uso, plásticos, fios de lã tirados de roupas que transformava em bordados, *assemblages*, estandartes e outros diversos objetos extraordinários.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Margens*.  
[www.museubispodorosario.com](http://www.museubispodorosario.com)



Imagens do projeto *Instruções para destruir dinheiro*, 2009  
<http://issuu.com/boneu/docs/instruccionbook>

## Pablo Boneu

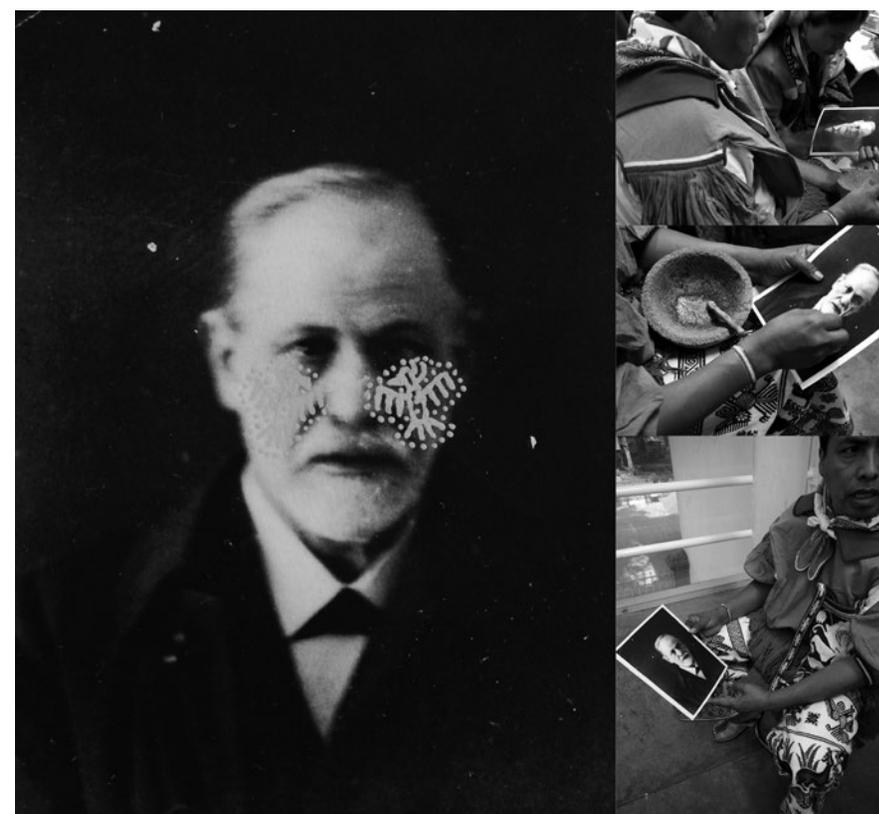
Nasceu em 1969 em Córdoba, Argentina.  
 Mora e trabalha entre a Cidade do México e a Argentina.

A atividade artística de Pablo Boneu é heterogênea e, ainda que sua formação seja autodidata, durante algum tempo cursou estudos de astronomia e de cinema na Universidade Nacional de Córdoba, Argentina. Realizou numerosas produções não convencionais ligadas à fotografia, ao desenho e ao vídeo, também gerou textos de ficção e numerosas ações de arte pública. É um artista que utiliza diferentes suportes e meios expressivos, não se limita a expor sua obra acabada, mas ele mesmo se dedica a questioná-la constantemente. Em sua obra se conjugam dois impulsos críticos: por um lado o da produção como repetição serial

de um mesmo objeto e por outro a ideia de obra de arte como fetiche artesanal. A tensão assim originada por essa dupla crítica é visível em todas as suas produções.

Mais que filmar, fotografar, desenhar ou escrever, Boneu inventa estruturas; um tipo muito particular de estruturas que são, ao mesmo tempo, fechadas e abertas. Fechadas porque têm uma coerência interna rigorosa e abertas porque podem se proliferar indefinidamente.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Realidades & Ficções I*.  
[www.artsy.net/artist/pablo-boneu](http://www.artsy.net/artist/pablo-boneu)  
[www.terrenobaldio.com/artista/pablo-boneu/](http://www.terrenobaldio.com/artista/pablo-boneu/)



Obra da Série *Antes/Depois*  
 Galeria Caja Blanca, Cidade do México, 2011

## Santiago Borja

Nasceu em 1970 na Cidade do México, México.  
 Mora e trabalha na Cidade do México, México.

Santiago Borja é arquiteto, formado na Universidade Ibero-americana da Cidade do México, com mestrado em teoria e prática da arte contemporânea e novos meios realizado na Universidade de Paris 8, França. Participou também de diversos programas acadêmicos na Central St. Martins, em Londres, e também no Centro Nacional de Artes no México. Seu trabalho se desenvolve a partir da intersecção entre arte, arquitetura e antropologia. O artista enfatiza e desestabiliza assim certas estruturas do pensamento ocidental através do efeito da sobreposição e da confrontação cultural com ofícios artesanais de outras sociedades. Dessa forma, as intervenções artísticas de Santiago

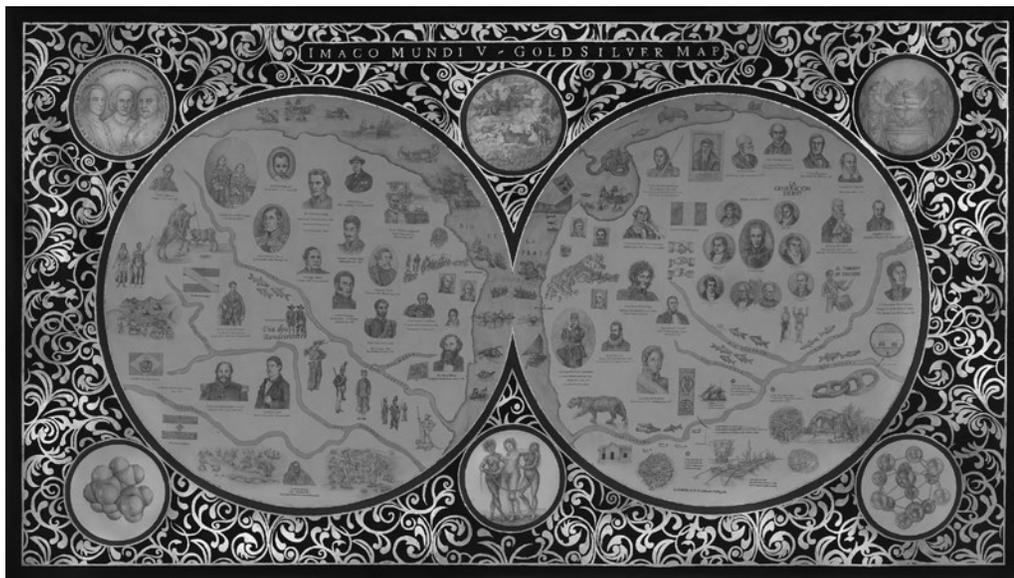
Borja determinam novas leituras dos espaços históricos em que se realizam. Um exemplo representativo é a intervenção que realizou no Freud Museum London, onde revestiu o divã de Freud com manta e almofadas elaborados por indígenas wixárikas, também conhecidos como huicholes, do México Central. O artista buscou assim devolver ao divã o “ar exótico” que lhe foi dado em seus inícios pelos tapetes persas que o revestiam e que, com o tempo, terminaram naturalizados e perderam seu caráter de estrangeirice.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Tempo*.  
[www.s-borja.com](http://www.s-borja.com)

## Adriana Bustos

Nasceu em 1965 em Bahía Blanca, província de Buenos Aires, Argentina.

Mora e trabalha em Córdoba, Argentina.



*Imago Mundi V*  
Goldsilver Map, 2014

Acrílico, grafite e prata sobre tecido 166 x 286 cm.

Artista multidisciplinar, formada em belas artes e em psicologia, Adriana Bustos emprega a instalação, o vídeo, a fotografia e o desenho como meios para desenvolver um discurso crítico no qual tematicamente predominam as reflexões sobre as opressões sociais, políticas ou religiosas. A artista considera seu trabalho como um espaço de conhecimento, no qual a construção de sentido a partir de instrumentos visuais e técnicas de investigação, podem proporcionar elementos para a produção de um saber que quebre a linearidade da narrativa histórica.

Ao pensar sobre o trabalho artístico, Adriana Bustos proporciona uma reflexão original

sobre arte, sintoma e temporariedade que permite entrever as fortes ressonâncias entre arte e psicanálise. Sustenta assim que a arte “trata de um tempo diacrônico e diferente ao acontecimento histórico. Um evento que ocorre no espaço do discurso e irrompe na linha do tempo como em um presente perfeito. Por isso mesmo a arte vem para romper a linearidade da narrativa histórica e resulta sempre impertinente”.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Ferramentas do analista.  
[www.artsy.net/artist/adriana-bustos](http://www.artsy.net/artist/adriana-bustos)



*Mosaico Lunar*, 2013  
Astrofotografia

## Carlos Di Nallo

Nasceu em 1962 em Buenos Aires, Argentina.

Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

Carlos Di Nallo é astrofotógrafo. Em 2009, ao se mudar para uma casa com terraço em Avellaneda, Di Nallo pôde realizar o desejo de comprar um telescópio. Pouco tempo depois, maravilhado com o que observava, teve a ideia de ficar com essas “lembranças”, então uma noite em que perscrutava a Lua pôs uma câmara web frente à ocular do aparelho e fez alguns disparos. Conserva ainda aquela primeira captura que foi o pontapé inicial de seu novo ofício, que levou a Nasa a expor uma de suas fotografias na qual pode-se ver, claramente, Saturno escondendo-se atrás da Lua.

A astrofotografia inclui imagens do espaço profundo ou de campo amplo, pode ser praticada com telescópio ou somente com tripé e é

uma arte que, combinada com o conhecimento científico da astronomia, consegue resultados espetaculares. Para obter uma astrofotografia investe-se trabalho e tempo. Não são imagens de tomadas únicas. Quando localizamos o objeto a fotografar, o ideal é lhe dedicar a maior quantidade de tempo possível. Por exemplo, pode-se permanecer três horas com um objeto celeste para obter tomadas individuais de cinco minutos cada uma. Posteriormente esses arquivos são “empilhados” com programas específicos; depois desse processo se obtém a imagem final.

Algumas destas fotografias foram publicadas na revista *Calibán* – O que não se sabe.

<http://carlosdn-alfacentauri.blogspot.com.ar/>



*Flores brancas*, 2010  
Fotografia digital, cópia com tintas de conservação  
sobre papel de algodão, 60x 90 cm

## Julieta Escardó

Nasceu em 1970 em Buenos Aires, Argentina.  
Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

Fotógrafa, editora, gestora cultural e professora de fotografia contemporânea, Julieta Escardó estudou fotografia e depois cinema na Universidade de Nova York. Entre 1993 e 1999 trabalhou como fotógrafa da revista *Viva*, do jornal *Clarín* e como editora das revistas *Latido* e *Llegás a Buenos Aires*. Trabalhou também como docente na equipe Arte Rodante do Ministério de Educação da Nação – onde realizou oficinas de fotografia por toda a Argentina – como editora de livros infantis e juvenis e como fotógrafa no Arquivo Biográfico Familiar das Avós da Praça de Maio. Desde 2002 dirige Felifa — a Feira de Livros de Fotos de Autor— e a editora La Luminosa, na qual publicou fotolivros de autores latinoamericanos, e faz parte da equipe de editores de *Sueños de La Razón*. Atualmente integra também TURMA, uma plataforma de difusão da cultura

visual latino-americana através da fotografia e dos livros.

Julieta Escardó trabalhou durante vários anos em projetos documentais, mas ultimamente tem se dedicado às fotografias construídas e colocadas em cena. Seus ensaios fotográficos mostram mergulhos interiores que vão de imagens de flores estouradas até cenas da vida cotidiana própria e alheia (como pode ser visto em seu livro *Perras Lunas*, 2012). Escardó sustenta que a câmara lhe permite ver o que não pode ver apenas com os olhos e que lhe atrai “a potência da imagem; essa linguagem atravessada por milhares de camadas, desde as mais essenciais até outras da ordem do social”.

Algumas de suas fotos foram publicadas na revista *Calibán* – Intimidade.

[www.julietaescardo.com](http://www.julietaescardo.com)

## Regina José Galindo

Nasceu em 1974 na Cidade da Guatemala, Guatemala.  
Mora e trabalha na Cidade da Guatemala, Guatemala.



*Alud*, performance  
Thessaloniki Performance Festival, programa paralelo da  
terceira Thessaloniki Biennale of Contemporary Art, Grecia,  
2011. © State Museum of Contemporary Art e a artista.

Artista visual, *performer* e poeta, Regina José Galindo desenvolve um trabalho que se caracteriza por seu conteúdo político, que resgata elementos próprios tanto do contexto latino-americano como de sua condição de mulher. Com suas *performances*, a artista perturba e comove ao submeter seu corpo a situações extremas como reflexo de uma realidade social dominada pelo abuso e pela injustiça. Explora assim as implicações éticas universais das injustiças sociais relacionadas com discriminações raciais, de gênero e outros abusos implicados nas desiguais relações de poder que funcionam em nossas sociedades contempo-

râneas. Regina José Galindo recebeu o Leão de Ouro na Bienal de Veneza (2005) por seu vídeo *Himenoplastia*, no qual a artista é submetida a uma intervenção ilegal de reconstrução de hímen.

Participou de diversas exposições internacionais como as bienais de Veneza, de Cuenca, de Sharjah, de Pontevedra 2010, de Sydney, de Moscou, de Praga, de Albana, de Lima e a biennial Graphic Arts of Ljubljana.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Excesso.

[www.reginajosegalindo.com](http://www.reginajosegalindo.com)



*Como um segredo se seduz a si mesmo.* 2005  
Fotografia em película ortocromática, lâminas de ouro, 120 x 100 / 60 x 50 cm.

## Luis González Palma

Nasceu em 1957 na Guatemala.  
Mora e trabalha em Córdoba, Argentina.

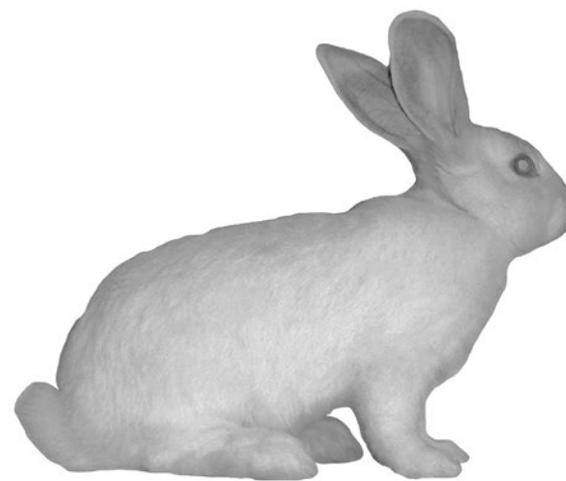
González Palma é reconhecido como um dos mais importantes fotógrafos da América Latina. Sua obra reflete sobre temas como a identidade e a memória, a introspecção e a intimidade ou a representação do não visível, e, paralelamente, desenvolve uma experiência formal que abandona progressivamente a tradição bidimensional para adentrar em uma experiência mais escultórica da fotografia. Em suas palavras, trata-se de “uma tentativa de dar corpo aos fantasmas que governam as relações pessoais, as hierarquias religiosas, a política e a vida”.

Nesta indagação conceitual e abstrata através de seu olhar fotográfico e artístico, González Palma questiona também quem olha e

como o fotógrafo se comunica olhando – e vice-versa, como o espectador olha o fotógrafo através de sua obra. Assim, segundo o artista, a fotografia passa a ser “um artifício para ver-se a si mesmo através do outro, do olhar do espectador”, argumento com o qual destaca que sua motivação está na busca constante de experimentar suas carências emocionais e transformá-las em imagens.

Luis González Palma esteve presente na revista *Calibán – Realidades & Ficções I*, com a publicação de algumas de suas obras e em *Calibán – Intimidade através da entrevista “Ninguém sai ileso da infância”*, na seção **Textual**.

[www.gonzalezpalma.com](http://www.gonzalezpalma.com)



*Alba, the fluorescent bunny*  
1999

## Eduardo Kac

Nasceu em 1962 no Rio de Janeiro, Brasil.  
Mora e trabalha em Chicago, Estados Unidos.

Reconhecido internacionalmente por suas instalações interativas e por seus trabalhos de bioarte, Eduardo Kac explora a fluidez da posição do sujeito no mundo pós-digital, ao questionar a evolução, a memória e até a condição da criação. Suas inquietantes obras de arte biológica fazem questão de enfatizar a natureza dialógica da arte. Artista contemporâneo com uma visão poética e filosófica da vida, Kac é sem dúvida um dos maiores e mais significativos representantes da arte dos novos meios. Devido à prioridade que outorga ao processo comunicativo sobre o resultado final, sua arte recorre à utilização de uma incrível variedade de materiais.

Uma de suas obras mais destacadas é uma intervenção em Alba (em 2000), uma coelha

transgênica. Utilizando os genes que tornam fluorescentes certas medusas (GFP), Kac interveio no DNA da coelha, com o que estabeleceu as bases da arte transgênica. Para outra de suas obras, chamada *Génesis* (1998/1999), desenhou uma bactéria e a mandou por e-mail a um laboratório que a sintetizou e a devolveu em estado físico. Kac fundamenta seus trabalhos sustentando que “se os avanços da genética vão mudar completamente nossa sociedade, a única maneira de refletir sobre essas mudanças através da arte é utilizando as mesmas ferramentas e técnicas que os cientistas”.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Ferramentas do analista*.

[www.ekac.org](http://www.ekac.org)



**50 metros de distância ou mais**  
Da série *Desenhos desde o rio*.  
Óleo sobre tela, 2010

## Irene Kopelman

Nasceu em 1974 em Córdoba, Argentina.  
Mora e trabalha em Amsterdã, Holanda.

Doutora em belas artes pela Academia Finlandesa de Belas Artes de Helsinque, Irene Kopelman busca explorar a relação entre arte e ciência.

A artista se interessa pela noção de modelo, conceito usado em muitas disciplinas científicas com a finalidade de tornar acessível o conhecimento e, conseqüentemente, organizar o que se conhece do mundo. Historicamente esta organização conceitual necessitou de simplificações e categorias, contornando o particular. Para Kopelman, o modelo é a materialização deste processo de pensamento redutor.

A partir do desejo de tornar evidente a impossibilidade de dividir a totalidade e fechá-la em categorias estreitas, a artista retoma a força

do singular e tenta, por meio de representações, tornar evidente a complexidade subjacente ao aparentemente categórico. Durante seus processos de investigação e criação, Kopelman explora o vínculo entre duas fontes: uma de contato “direto” com a natureza e outra de contato “mediado” – a natureza convertida em objeto ou paisagem – exposto em um museu. Da convergência destes elementos emerge uma narrativa baseada na dinâmica da diferença e a repetição, da complexidade e a modelização.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Excesso.

[www.irenekopelman.com](http://www.irenekopelman.com)

## Runo Lagomarsino

Nasceu em 1977 em Lund, Suécia.  
Mora e trabalha entre Malmö, Suécia, e São Paulo, Brasil.

Filho de pais argentinos exiliados e neto de italianos que fugiram da Europa depois da Primeira Guerra Mundial, Runo Lagomarsino coloca em jogo sua própria herança multicultural para examinar, a partir de múltiplas perspectivas, aspectos da vida contemporânea que têm uma forte carga histórica, tais como os problemas sociais e políticos da migração e das fronteiras. Nessa perspectiva, usando diferentes meios como vídeo, desenho, objetos

escultóricos e fotografia, sua prática artística explora as condições através das quais construímos o mundo no qual vivemos (e também as palavras). O trabalho de Lagomarsino analisa assim as tensões entre o universalismo como noção de inclusão e as realidades do colonialismo e o pós-colonialismo.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Tradição/Invenção.

[www.runolagomarsino.com](http://www.runolagomarsino.com)



**Contratempos**, 2010  
Projeção de slides de dimensões variáveis. Percurso performático no Parque do Ibirapuera (São Paulo) registrando fissuras que mantêm semelhança com a ideia da forma que o artista tem da América do Sul, e que foram desenhadas por acaso no desgastado concreto das suas caminhadas

*Suíte bolivariana*, Buenos Aires, 2009  
Fotografia em cores, 110x275 cm



## Marcos López

Nasceu em 1958 em Santa Fé, Argentina.  
Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

Marcos López é considerado um dos fotógrafos mais destacados da América Latina. Estudou inicialmente engenharia, mas aos 20 anos começou a se dedicar à fotografia. Em 1982 ganhou uma bolsa do Fundo Nacional das Artes e se mudou para Buenos Aires, onde assistiu a uma série de oficinas de conceituados fotógrafos argentinos e estrangeiros, e desenvolveu sua carreira na docência, na gestão de projetos e na curadoria de exposições. Sua obra fotográfica se consolidou na década de 90, a partir da série *Pop Latino*, que passou a integrar os acervos de coleções e museus nacionais e internacionais.

López começa tirando fotos em preto e branco para depois passar para as cores satu-

radas, que tanto caracterizam sua obra mais recente. Cada fotografia de Marcos López é uma construção “estruturadamente desestruturada”, com influências marcantes de artistas como Andy Warhol, Marcelo Pombo ou Gustavo Di Mario, entre outros. Em seu trabalho, os elementos pictóricos se misturam com a linguagem própria da fotografia, com elementos teatrais e códigos da publicidade. O artesanal, o analógico e o digital estão juntos em sua obra, em uma posta em cena que ao mesmo tempo conserva uma dimensão documental.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Realidades & Ficções II*.

[www.marcoslopez.com](http://www.marcoslopez.com)



*Zero dollar*, 1978/84  
Lito offset sobre papel, edição limitada, 6,5x15,5 cm cada bilhete

## Cildo Meireles

Nasceu em 1948 no Rio de Janeiro, Brasil.  
Mora e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil.

Cildo Meireles é reconhecido como um dos nomes mais importantes da arte brasileira do último meio século. Falar de seu trabalho é pensar em arte conceitual, política, poética e uma arte próxima e emocional. Cildo começou a estudar arte em 1963 com Barreneche, a quem considera o mestre que lhe ensinou a olhar, a ir mais além, a extrair a energia de uma imagem para revelar o poder da observação.

Em 1970 participou da exposição coletiva *Information*, no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). Essa mostra reúne grande parte da produção de matriz conceitual da década de 60. Cildo Meireles apresentou *Inserções em circuitos ideológicos* (1970), série de trabalhos que vão caracterizar sua produção, nos quais imprime frases subversivas em cédulas de dinheiro e em garrafas retornáveis

de *Coca-Cola*. O artista desloca assim a ideia de recepção de sua obra da dimensão pública para a de circuito. “*Inserções* fixa a base de muitos de meus temas recorrentes, como a ideia de circuitos, o espaço, o tempo, as escalas, a autoria... Gosto de trabalhar com coisas que o público reconheça como suas, que sejam ao mesmo tempo matéria e símbolo, como o dinheiro. O que há neles de valor de câmbio e de uso. Eu me interesso pela ideia de deslocamento, as fronteiras como espaços de tensão. Poderia dizer que meu trabalho é uma reflexão sobre a realidade humana, sobre a concepção eurocêntrica da história. São obras que sempre brincam de burlar a percepção”, sustenta Cildo Meireles.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Realidades & Ficções I*.



*Notícias da América*  
Residência em trânsito (performance), 2011-2012

## Paulo Nazareth

Nasceu em 1977 em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil.  
Mora e trabalha ao redor do mundo.

Artista visual e *performer*, Paulo Nazareth é conhecido por suas caminhadas ao redor do mundo através das quais coloca em dúvida os limites da *performance* como linguagem artística. Essas caminhadas abrem um questionamento em tempo real a sua própria experiência e a dos indivíduos que encontra em seu caminho, com o que articula uma fina matriz que vincula pessoas, comunidades e histórias compartilhadas. Assim, ultrapassando as obras que produz, o trabalho de Nazareth se constitui pelo comportamento do artista, que sustenta que sua produção deve ser denominada como “arte conduta”.

Um exemplo de seu trabalho é *Notícias da América*, caminhada-*performance* que realizou en-

tre 2011 e 2012, partindo de Minas Gerais, Brasil, indo até Miami, onde apresentou sua instalação *Banana Market/Art Market* (Art Basel Miami Beach). A partir da documentação em foto e vídeo de suas *performances*, esculturas sociais, desenhos e retratos biográficos, Nazareth apresenta um olhar inédito das Américas, que revela a pluralidade e a profusão de diferentes modos de ser e viver.

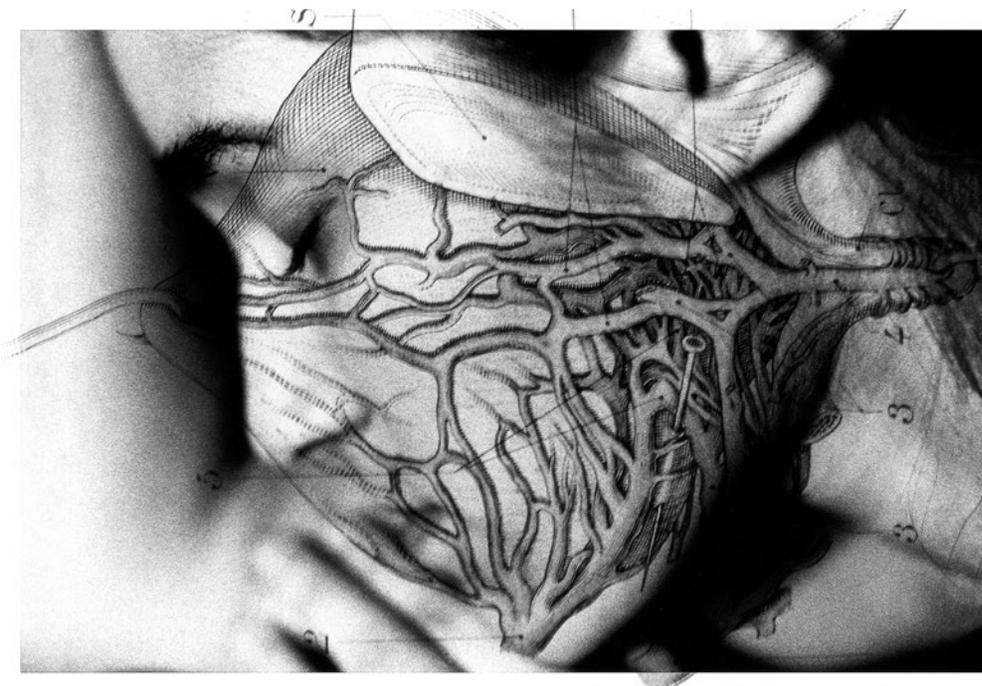
No primeiro número da revista *Calibán* *Tradição / Invenção* foram publicadas algumas de suas fotos desta viagem-*performance*.

[www.artsy.net/artist/paulo-nazareth](http://www.artsy.net/artist/paulo-nazareth)

[www.mendeswooddm.com/en/artist/paulo+nazareth](http://www.mendeswooddm.com/en/artist/paulo+nazareth)

## Tatiana Parcerero

Nasceu em 1967 na Cidade do México, México.  
Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.



*Cartografia interior #7*  
Acetato e fotografia tipo C, 70x100 cm, 1995

Tatiana Parcerero é formada em psicologia pela Universidade Nacional Autónoma do México e em 1995 terminou o mestrado em artes com especialização em fotografia na Universidade de Nova York e no International Center of Photography (NYU/ICP), nos Estados Unidos. Começou a fotografar em 1985, mas desde o início dos anos 90 se concentrou no corpo e no autorretrato, e criou a técnica de justaposição de fotos em preto e branco impressas em acetatos sobre fotos coloridas. As imagens de Tatiana Parcerero são expostas como fusões de diferentes partes de seu corpo com desenhos, diagramas

anatômicos e inclusive códices antigos, que buscam representar uma pequena biografia. Sua obra, que abrange fotografia e vídeo, explora conceitos como os de identidade, memória, território, tempo; e busca também refletir e fazer sentido sobre as problemáticas ecológicas presentes na sociedade contemporânea, como os movimentos migratórios, aquecimento global e a extinção de espécies no planeta.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Corpo*.

[www.tatianaparcerero.com](http://www.tatianaparcerero.com)



*The intruder*, 2011

## Liliana Porter

Nasceu em 1941 em Buenos Aires, Argentina.  
Mora e trabalha em Nova York, Estados Unidos.

Liliana Porter estudou na Escola Nacional de Belas Artes Manuel Belgrano e na Escola de Arte Prilidiano Pueyrredón, ambas de Buenos Aires. De 1958 a 1961 morou na Cidade do México. Lá estudou com o colombiano Guillermo Silva Santamaría e com o artista alemão Mathias Goeritz na Universidade Ibero-Americana e na Oficina de La Ciudadela. Foi também no México que apresentou suas primeiras exposições. Em 1964, em virtude de uma viagem, decidiu se estabelecer em Nova York, onde reside desde então.

Liliana Porter é considerada uma das artistas contemporâneas mais proeminentes de seu país. A partir de uma variada e ampla coleção de *souvenirs*, bonecos e figurinhas decorati-

vas, a artista constrói cenários entre o lúdico e o trágico utilizando diferentes meios: instalação, fotografia, desenho, gravado, *assemblage* ou vídeo. Indagando os limites entre a realidade e a representação, Porter cria – a partir dos anos 80 – imagens inspiradas em objetos de nosso mundo infantil. Sob seu olhar, estas fotografias e instalações nos falam da memória e da percepção de nossa subjetividade, ao mesmo tempo em que reflete sobre a fratura de conteúdos que se estabelece entre o referente e seu rastro.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Intimidade.

[www.lilianaporter.com](http://www.lilianaporter.com)



SI TUVIERA  
GANAS DE  
BAILAR TE  
LO DIRÍA

## Lucas Di Pascuale

Nasceu em 1968 em Córdoba, Argentina.  
Mora e trabalha em Córdoba, Argentina.

Artista plástico e designer gráfico, estudou na Faculdade de Artes da Universidade Nacional de Córdoba (onde atualmente exerce a docência) e continuou sua formação em diversas residências em arte. Em seus trabalhos, o desenho, a prática editorial e o espaço público tiveram grande protagonismo.

Entre suas produções se destacam *2222* (Museu Bonfiglioli e Galeria El Gran Vidrio, Córdoba, 2016-2017), *López* (diversas cidades, 2007-2017), *Lindes para el viento* (em conjunto com Soledad Sánchez Goldar; Espacio Rojo, Córdoba, 2015), *Yerba Mala* (Museu Genaro Pérez, Córdoba, 2013), *Hola tengo miedo* (Cultura Pasajera, Rosário, 2012), *Ciudadano* (Córdoba, 2010), *Coleções* (Galeria da Escola Guignard, Belo Horizonte, 2010), *Turista Artista* (Museu Emilio Caraffa, Córdoba, 2009), *Colección Jorge Villacorta* (Galeria 80M2, Lima, 2009) e *PTV* (Espaço OSDE, Buenos Aires, 2009).

Publicou os livros *Ijota* (2017), *Ali/Lai, Lau/Zip* (2014), *Distante* (2014), *Hola tengo miedo* (2011), *Taurrtiisstaa* (2009) e —em conjunto com Gabriela Halac— *H31* (2001).

Entre outras distinções obteve a Bolsa Plataforma Futuro (2017), o Primeiro Prêmio Castagnino Macro, em Rosário (2013), o Segundo Prêmio Klemm, em Buenos Aires (2013), o Prêmio Igualdade Cultural em Artes Visuais (2013) e o segundo prêmio no Salão e Prêmio Cidade de Córdoba (categoria Desenho, 2009).

Lucas Di Pascuale é responsável pelo desenho gráfico da revista *Calibán*.

[www.lucasdi Pascuale.com.ar](http://www.lucasdi Pascuale.com.ar)

### Referências

- Pascuale Di, L. (2011). *Hola tengo miedo*. Córdoba: Autor.  
Pascuale Di, L. (2014a) *Ali/Lai, Lau/Zip*. Córdoba: DocumentA/ Escénicas.  
Pascuale Di, L. (2014b) *Distante*. Córdoba: Borde Perdido.  
Pascuale Di, L. (2017). *Ijota*. Córdoba: Autor.  
Pascuale Di, L. & Halac, G. (2001). *H31*. Córdoba: Autor.



*Paisaje XIV*  
Grafite, lápis, carvão e  
pastel sobre papel montado  
180 x 140 cm, 2008

## Eduardo Stupía

Nasceu em 1951 em Vicente López, província de Buenos Aires, Argentina.  
Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

Eduardo Stupía, que se define como artista visual, estudou na Escola Nacional de Belas Artes Manuel Belgrano de Buenos Aires, e desde 1984 exerce também a docência em artes plásticas.

Stupía trabalha em diversos materiais; carvão, lápis, grafite, pastel, óleo e acrílico, e realiza traços sempre muito particulares. Caracteriza-se por inconfundíveis tramas de linhas negras sobre fundo branco. Notável desenhista, utilizou também textos no começo de sua carreira, quando traçava *comics* com caráter de pesadelo, talvez refletindo então a turbulência do contexto político e uma rebelião quase adolescente. Depois comprimiu até a miniatura paisagens e protagonistas, povoando seus papéis com micronarrati-

vas. Nas obras dessa etapa, é possível distinguir de perto figuras e cenas representadas, mas de longe as imagens aparecem como paisagens alucinatórias. De repente, o mistério se adornou de suas espessas caligrafias com traços orientais, estranhas grafias e linhas, borrões e acumulações de manchas e velaturas, com vazios inesperados, fragmentos e rupturas. Assim as imagens de Stupía passaram a se parecer cada vez mais com restos de sonhos, rastros sem destino final, mas de inegável vivacidade.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Corpo*.

[www.artsy.net/artist/eduardo-stupia](http://www.artsy.net/artist/eduardo-stupia)

[www.jorgemalaruche.com.ar/eduardo-stupia/](http://www.jorgemalaruche.com.ar/eduardo-stupia/)



*Today we reboot the planet*, 2013

## Adrián Villar Rojas

Nasceu em 1980 em Rosário, Argentina.  
Mora e trabalha entre Rosário, Argentina, e Nova York, Estados Unidos.

Considerado um dos artistas contemporâneos argentinos mais promissores da atualidade, Adrián Villar Rojas se especializa na escultura em grande escala, desenho, artesanato, música, ficção científica e instalação, e cria realidades alternativas que fazem alusão a um apocalíptico ou mitológico fim do mundo. As instalações colossais, pelas quais é mais conhecido, são feitas normalmente de argila, e conseguem submergir o espectador em uma imensidão tanto temporal como física. Suas criações parecem atemporais e antigas ao mesmo tempo, relíquias de um passado ou pré-figurações de um futuro ambíguo que questionam a noção que temos do tempo, da história e da moder-

nidade. Ele e sua equipe de trabalho combinam elementos orgânicos e artificiais em suas experiências – terra, pigmentos, vegetais, cimento, fósseis, plástico, roupa, aparelhos tecnológicos e joalheria – para criar obras de uma enorme estranheza. Esse processo criativo, equiparável ao de um diretor comandando uma companhia de teatro, se vê refletido na própria obra e resulta em objetos e amálgamas inéditos, que parecem conter o realizado e o impossível, o criado e o que apenas foi imaginado.

Algumas de suas obras e uma entrevista foram publicadas na revista *Calibán – Mal*.

[www.kurimanzutto.com/artists/adrian-villar-rojas](http://www.kurimanzutto.com/artists/adrian-villar-rojas)